

Apropriações do Movimento Escolanovista no Ensino de Aritmética e Geometria no Ensino Primário: análise das revistas pedagógicas goianas

Viviane Barros Maciel

Este artigo tem por objetivo analisar apropriações do movimento conhecido como *escola nova* ou *escola ativa* no ensino de aritmética e geometria nas escolas de ensino primário em Goiás. A busca por ressonâncias deixadas por este movimento nas aulas de aritmética e geometria se dará pela análise de revistas pedagógicas goianas no período compreendido entre 1946 a 1960. Ao analisar prescrições ao ensino de aritmética e geometria destinadas ao professorado goiano, em revistas como a *Revista de Educação* e a *Revista de Educação e Saúde* estas podem revelar formas de interpretação do ideário escolanovista e seus reflexos em diversos campos da educação.

Assim, neste estudo, a questão que emerge é quais aspectos metodológicos, que hoje circulam pela escola, tem na escola ativa sua fonte de inspiração e de que forma o movimento escolanovista se configurou nas propostas voltadas ao ensino dos saberes elementares matemáticos nas revistas pedagógicas goianas?

Na busca por respostas, nos pautaremos no que nos ensina Marc Bloch (2002) do ofício de historiador, ao utilizar para isto o método prudentemente regressivo (*demarché*), construindo fatos históricos do presente para o passado. Para isto tomamos as revistas pedagógicas para análise. Ao analisar revistas nos vimos diante de formas de *representações* do mundo social, que “diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990, p. 17). De tais representações emergem formas de *apropriações*, “história social dos usos e das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais), inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1990, p.17).

O estudo foi construído com o intuito de contribuir com o projeto coordenado pelo professor Wagner Rodrigues Valente, “A Constituição dos Saberes Elementares Matemáticos: A Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva

histórico-comparativa, 1890-1970”, o qual conta com a participação de pesquisadores de mais de 12 estados brasileiros e colaboradores voluntários, como é o caso desta pesquisadora. Todo o corpo de pesquisadores trabalha em prol da constituição de uma base de dados virtual da documentação relativa à pesquisa e atualização desta junto ao repositório¹ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde se localizam as fontes primárias analisadas neste artigo. O projeto conta ainda com o apoio dos pesquisadores que constituem o Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática- Ghemat, Unifesp – Campus Guarulhos.

Por uma escola ativa

Segundo Monarcha (2009) a “escola ativa”, também chamada de “educação nova”, ou ainda “escola nova”, trata-se de uma cultura psicopedagógica

“assentada na compreensão do entrelaçamento no organismo e o meio circundante, armou-se com o rigor epistemológico próprio da ciência analítica, ou seja, observação dos fatos, manejo do método experimental, quantificação e generalização da experiência. (MONARCHA, 2009, p.32)

Tal cultura, que emerge no final do século XIX, se mantém presente nas primeiras décadas do século XX. Mediante várias transformações que ocorriam na Medicina, nas Ciências, nas Indústrias, também era necessário que a escola se transformasse, enfatizando o funcionalismo, com o uso de novos métodos e superando o tradicionalismo de forma a tornar a instrução mais eficiente. De acordo com Santos, Prestes e Vale (2006, p.133), para muitos, uma *pedagogia da existência* com ênfase no aluno como sujeito da educação daria lugar à até então vigente *pedagogia da essência*, configurando assim, a escola nova.

De acordo com Carvalho (2000)

a chamada pedagogia da Escola Nova, que começa a se difundir no país em meados da década de 20, pretende subsidiar a prática docente com um repertório de saberes autorizados, propostos como os seus fundamentos ou instrumentos (CARVALHO, 2000, p.111)

¹ <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769> (Repositório UFSC – Campus Florianópolis – Centro de Educação – História da Educação Matemática – A constituição dos saberes elementares - Goiás)

Assim, as revistas pedagógicas selecionavam assuntos com a intenção de promover uma “cultura pedagógica” capaz de “remodelar as práticas escolares segundo os novos princípios” (CARVALHO, 2000, p.118). Dentre as revistas analisadas estão: três volumes da *Revista de Educação e Saúde* (1946) sendo, um de Fevereiro a Março, outro de Junho a Julho e um de Agosto a Setembro; um volume da *Revista de Educação e Saúde* (1949) e dois volumes da *Revista de Educação* (1960) sendo, um de Março a Abril e outro de Agosto a Setembro. No total foram seis revistas, mas encontramos elementos que efetivamente contribuem com este estudo os volumes do ano de 1946 e um de 1960 (Março a Abril).

Na análise da *Revista de Educação e Saúde* de 1946, Fevereiro a Março, ano XII, n.23/24 Estado de Goiás, há um tópico sobre “Atividades escolares”. Neste tópico há uma matéria sobre “O início do ano letivo no Grupo Escolar Modelo de Goiânia [1943]”. Nele há subtópicos desta matéria como dados sobre a “caixa escolar”, “biblioteca infantil”, entre outros. Há um dentre estes que explicita sobre os “métodos” e ainda cita nome de personagem muito importante para o movimento escolanovista no Brasil, como Lourenço Filho.

*“tem sido adotado com apreciável resultado o **método global** para o aprendizado da leitura, depois de selecionadas as classes elementares pelos testes A B C, testes êstes de autoria do ilustre prof. Lourenço Filho e que tem dado magnífico resultado na homogeneização de classes aqui, como em todos os Estados em que teem sido aplicados/ As professoras do estabelecimento teem tido autonomia didática para a escolha do método a ser adotado, sendo que algumas teem aplicado os centros de interêsses de Decroli com excelente resultado.”* (Fonte: *Revista de Educação e Saúde*, n.23-24, ano XII, Fev/Març, p.73, grifo nosso).

Segundo Josiane A. O. Marques (2013)², discursos sobre a Escola Nova defendidos por Dewey (1859-1952), Thorndike (1874-1949), Claparède (1873-1940)³, Ferrière (1879-

² Dissertação de mestrado recentemente defendida na Universidade de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, intitulada “Manuais Pedagógicos e as Orientações para o Ensino de Matemática no Curso Primário em Tempos de Escola Nova”, defendida em 2013, sob a orientação do professor Wagner Rodrigues Valente.

³ Na *Revista de Educação e Saúde* de 1946, ano XIV, n.27 e 28 de junho e julho, traz um pensamento de Claparède sobre “a formação do professorado” sendo esta: “A primeira preocupação de quem pretende transformar os velhos moldes rotineiros da educação têm que ser a formação de um professorado novo, cômico de sua responsabilidade e cheio de nobre entusiasmo pelos ideais educativos” (Claparède)

XI Seminário Temático

A Constituição dos Saberes Elementares Matemáticos: A Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970

Florianópolis – Santa Catarina, 06 à 08 de abril de 2014 – Universidade Federal de Santa Catarina

1969), Montessori (1870-1952) e Decroly (1871-1932)⁴ foram trazidos ao Brasil por meio dos manuais pedagógicos, destinados aos professores. Nesta citação aparece o nome de Lourenço Filho, educador e autor do livro “Introdução ao Estudo da Escola Nova”. Lourenço Filho iniciou seus trabalhos dando apoio ao movimento em 1920 na Escola Normal de Piracicaba e partir desta década torna-se disseminador destas ideias, especialmente no Ceará (MARQUES, 2013; VALENTE 2010; SANTOS, 2009). O grande alcance do ideário chegava por diversos temas publicados na revista. Como o exemplo, podemos citar um trecho do livro de Lourenço Filho em que ele faz um paralelo entre os *princípios capitais da educação ativa e funcional* que aqui apresentamos em forma de tabela.

Tabela 1. Paralelo entre Educação Funcional e Tradicional

<u>Educação ativa ou funcional</u>	<u>Educação tradicional</u>
<i>Mestre se vê no meio dos alunos</i>	<i>Mestre se vê diante dos alunos</i>
<i>A criança não é o aluno. É um ser em desenvolvimento com habilidades e especificidades específicas.</i>	<i>O aluno deve saber tudo que lhe ensina; preparar-se para exames; respeitar a disciplina que se lhe impõe.</i>
<i>O conhecimento é uma autocriação, uma conquista individual, forma de comportamento integrado a uma personalidade;</i> <i>O mestre reúne condições propícias para que os conhecimentos se elaborem na criança, de acordo com o que ela pode aprender.</i>	<i>O conhecimento é “transmitido”.</i>

Fonte: Tabela criada pela pesquisadora a partir do exposto pela Revista Pedagógica, 1946, n.23-24, p.58

Segundo as análises realizadas por Valente (2010), apesar de Lourenço Filho ser um grande defensor e pregador do movimento, as anotações de curso deste professor não

⁴ De acordo com Marques (2013), o movimento da Escola Nova surgiu no século XIX, tornando-se intenso na primeira metade do século XX, na Europa e nos Estados Unidos; no Brasil a caracterização da Escola Nova surge em 1920. Neste movimento alguns nomes merecem destaque como Claparède e Ferrière, na Europa e John Dewey, nos Estados Unidos.

apresentavam efetivamente mudanças ou mesmo atenuações do método intuitivo para os novos ideários do movimento escolanovista”. (VALENTE, 2010).

Ainda na análise desta revista encontramos uma matéria sobre “Conselhos e Sugestões”⁵ ao professorado, nela um pedido aos professores das escolas normais e aos futuros professores primários⁶: que adotassem, durante a semana, um dia para leitura ilustrativa pedagógica. A leitura recomendada deveria ser “de artigos de jornais e revistas que tratassem de assuntos educacionais, ao lado de livros de cultura pedagógica como das bibliotecas organizadas pelo Prof. Lourenço Filho e pelo Prof. Fernando de Azevedo[...]” (Revista de Educação e Saúde, 1946, n.23-24, p.67)”. A mesma seria realizada em classe e em conjunto (nas escolas que não houvesse biblioteca), e nas bibliotecas especializadas (caso as escolas as possuíssem). Aqui observamos traços da política editorial para a formação da cultura pedagógica, conforme Carvalho (2000) expõe. A ideia de que “formar o professor é transformar a sua mentalidade”, na tentativa de mudar suas concepções sobre as “novas finalidades sociais da escola” (CARVALHO, 2000, p.118).

De acordo com Chervel (1990),

O conjunto dessas finalidades consigna à escola sua função educativa. Uma parte somente entre elas obriga-a a dar uma instrução. Mas essa instrução está inteiramente integrada ao esquema educacional que governa o sistema escolar, ou o ramo estudado. As disciplinas escolares estão no centro desse dispositivo. Sua função consiste em cada caso em colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa. (CHERVEL, 1990, p.188)

Cada manual de Lourenço Filho, destinados a moldar o espírito dos professores, representavam um tema, mas ao final todos os manuais representariam um conjunto de assuntos que seria fundamental para promover a novo modelo de prática escolar segundo os novos moldes da escola ativa.

⁵ Nesta mesma secção da revista há quatro itens que mostram o porquê que o professor passar tarefas e trabalhos escritos extraclasse é “anti-pedagógico” segundo a revista. Em um dos itens há a afirmação de que “os problemas jamais são resolvidos pelas crianças, pois esta já fatigada com as três horas e meia de trabalho escolar em classe se defende em casa chorando e queixando e conseguindo quase sempre o auxílio de parentes e irmãos e que desvirtua completamente sua finalidade”.(p. 67)

⁶ Nos anos 1930 e 1940 o magistério paulista enfrentaria cotidianamente o desafio de inovação do ensino pela escola ativa. Pela influência dos reformadores, o termo designava um conjunto de princípios e práticas da Escola Nova; mas o consenso era aparente. Diferentes concepções de escola ativa compunham as representações dos educadores ancoradas em traduções e apropriações sobre o que em diferentes momentos foi designado como moderno em educação SOUZA (apud MARQUES, 2013, p.40)

Nas revistas analisadas observamos, também, fortes apelos aos novos métodos de alfabetização. Como exemplo, a Revista de Educação e Saúde, n.29-30, do Estado de Goiás, do ano de 1946, especificamente, na matéria sobre “Assuntos Pedagógicos”. Nela há um apelo da professora Aida Felix de Souza, do Grupo Escolar de Pires do Rio, pedindo aos pais o apoio na formação moral e intelectual dos filhos. Na apresentação de seu “desabafo”, na introdução a professora afirma que

“Se a educação é vida e preparação para a vida, a alfabetização por si só não satisfaz; é preciso despertar no escolar gosto pelas atividades produtivas; encaminhá-lo de modo a tomar conhecimento do valor de sua ação na economia doméstica e na sociedade. / Por meio da jardinocultura, a escola liga o menino ao trabalho cotidiano; é uma atividade útil, realizada em forma de divertimento. É mesmo um jogo.[...]”(Fonte: Revista de Educação e Saúde (1946), n.29-30, p. 13)

Após tal depoimento, uma frase de John Dewey, que reforça os aspectos de se ensinar a criança visando contemplar o seu cotidiano.

O lar é a forma de vida social na qual tem vivido a criança, que, em relação a esse mesmo lar, terá recebido sua educação moral. Compete à escola aprofundar e ampliar o sentido dos valores concentrados na vida doméstica da criança. John Dewey” (Fonte: Revista de Educação e Saúde (1946), n.29-30, p. 13)

A jardinocultura como metodologia de projetos

De acordo com Marques (2013),

Os discursos escolanovistas referentes ao ensino de matemática assemelham-se em várias categorias de análise, como: cálculo em multiplicação, resolução de problemas, *problemas sem número*, metodologia de projetos e testes matemáticos. (MARQUES, 2013, p. 125)

Dentre as categorias apontadas na citação de Marques, anteriormente, observamos em especial a *metodologia de projetos*. Observa-se pela análise de revistas que de certa forma os autores se apropriavam das ideias deste movimento prescrevendo orientações aos professores primários para o ensino de aritmética, geometria e desenho. Tal metodologia tem características que convergem para os projetos interdisciplinares que tanto se pede para que a escola desenvolva hoje nas escolas, isto pode ser confirmado quando observamos um exemplo.

A aula de *jardinocultura* (Revista de Educação e Saúde, n.29-30, do Estado de Goiás, do ano de 1946, p.32-36) aparece, nesta revista, na Semana da Árvore, como uma proposta de trabalho que se enquadra na *metodologia de projetos*, pois a partir deste tema o professor poderia trabalhar diferentes matérias do ensino primário. Na revista a Técnica de Educação Primária, do Departamento de Educação, Alice Leão, inicia explicando,

“Suponha o seguinte problema. Uma escola isolada é aberta em um lugar pobre⁷. O povo daquela região não dá valor às plantações. Professor e alunos chegam; tudo triste, paredes nuas, terra seca, nada de plantas. De acordo com a classe podemos sugerir e guiar:/ 1º – Cada aluno deve fazer o desenho de um jardim; / 2º - Discutir e julgar os desenhos sugerindo mudanças práticas;/ 3º - Confecção de uma planta definitiva, no quadro negro; dividir os canteiros entre os alunos;/ 4º - Passar o desenho para a realidade./ Aqui surgem oportunidades únicas para o “aprender fazendo”; assim:[...] 5º - Zelar pela conservação do jardim”. (Fonte: Revista de Educação e Saúde (1946), n.29-30, p. 35)

⁷ O problema que a professora sugere é algo bem comum no Estado. Na revista é interessante observar o contexto econômico que o estado vivenciava. A Revista de Educação e Saúde de 1946, ano XII, n.23/24 de fevereiro e março, nas palavras da professora Amália Hermano Teixeira, mostra o quanto era caótica a situação financeira das escolas da região norte do estado goiano, e do estado como um todo. Em algumas escolas era o professor que improvisava as carteiras dos alunos com caixotes, em outras como não havia cartilhas, o professor passava aos alunos lição por lição, copiando-as de um livro único que este possuía, e ainda estes ficavam até um ano sem receber pelos serviços prestados como professor. Mesmo como o decreto nº44 de 23 de junho de 1945 que passou à responsabilidade do Estado a administração das escolas primárias, a região norte do estado, continuou ficando a cargo dos municípios.

As palavras citadas pela técnica de educação primária como “aprender fazendo” são indicativas que esta estava de acordo com os ideais da escola nova, isto pode ser verificado na dissertação de Oliveira (2009), nela a autora afirma que

Montessori e Decroly - a partir de 1907 - defenderam os temas lúdicos e o ensino ativo. Conforme Busquets (2003, p.26), Maria Montessori apontou a necessidade da atividade livre e da estimulação sensório-motora. O trabalho e o jogo, as atividades prazerosas, a formação artística colaboram para desenvolver a personalidade integral e psicomotricidade nas pré-escolas. Destacou que a educação só é alcançada com a atividade própria do sujeito que se educa, através do “*aprender fazendo*”, e deve despertar interesse. (OLIVEIRA, 2009)

No 4º item a ser trabalhado neste problema proposto, a técnica de educação sugeria uma lista de matérias e a sugestão de trabalho dentro de cada uma delas. No exposto havia A-Geometria, B-Geografia, C-Aritmética, D-Moral, E- Língua Pátria, F- Ciências. Aqui neste texto vamos mostrar apenas o proposto para as disciplinas de Geometria e Aritmética.

“ A- Geometria - 1- linhas – traços; - 2- formas – dimensões; - 3- uso de instrumentos especiais, como – nível, régua, etc.[...] C – Aritmética – 1 – problemas sobre sementes – sobre mudas, sobre n. alunos, sobre a doação dos canteiros aos grupos, etc. [...]”(p.35).

Depois a técnica de educação observa que o projeto é longo e pode durar o ano inteiro. Outra evidência deste projeto fazer parte do movimento é que ao final do texto se coloca que

“cultivar jardins, hortas [...] deve, por isso, merecer justa atenção por parte dos educadores que desejam realizar o ideal da escola ativa: DIGNIFICAR O TRABALHO MANUAL E RACIONALIZAR OS MÉTODOS DE ENSINO”
(p.36)

Segundo Oliveira (2006)

(Montessori e Decroly - a partir de 1907 - defenderam os temas lúdicos e o ensino ativo. Conforme Busquets (2003, p.26), Maria Montessori apontou a necessidade da atividade livre e da estimulação sensório-motora. O trabalho e o jogo, as atividades prazerosas, a formação artística colaboram para desenvolver a personalidade integral e psicomotricidade nas pré-escolas. Destacou que a

educação só é alcançada com a atividade própria do sujeito que se educa, através do “*aprender fazendo*”, e deve despertar interesse.

Método bem parecido com o da jardinocultura foi encontrado na Revista de Educação de 1960, Ano XVIII, Março a Maio, o qual foi explorado por meio da publicação de um plano de aula cuja “unidade didática” era “a árvore”. O plano tinha a duração de oito aulas e tinha como método empregado o das “matérias globalizadas”, que no nosso entendimento é o que hoje chamamos de (interdisciplinaridade). O plano foi de autoria da professora Telezila Blumens Chein, professora do Grupo Escolar Modelo de Goiânia (na capital do Estado goiano) que prestara serviços em Goiás há mais de 28 anos.

A professora Telezila, traz como subpartes do seu plano, a *motivação* (nome dado ao tem) que no caso era *a árvore*, logo após apresenta os *objetivos*, sendo dois principais e cada um destes especificados em pelo menos mais em cinco e três específicos, respectivamente, o *desenvolvimento* vem explicado em nove passos. Logo depois a professora traz a “aplicação do plano” na linguagem, gramática, estudos sociais e naturais, aritmética, desenho e arte aplicada, atividades práticas e exercícios de fixação. O fato de se trabalhar com a metodologia denominada “matérias globalizadas” nos mostra vestígios de influências do movimento pró-escola ativa. Tal metodologia parece ser reflexo da metodologia de projetos.

Neste plano de aula, para a matéria de aritmética a professora traz como sugestão “*problemas com Cr\$ - venda e compras de madeiras – Porcentagem e lucro – Frações decimais e ordinárias – Máximo divisor comum – Perímetro – metro quadrado e cúbico – Áreas – toneladas, quintal métrico, etc.*” (p.16-19). Nesta mesma matéria aparecem conteúdos da geometria como perímetro e áreas, porém é provável que a ênfase estivesse nos cálculos destas medidas e não nas propriedades geométricas.

O *auditorium* como complemento às aulas

Além do destaque à metodologia de projetos, nas revistas analisadas, aparece um método denominado “auditorium” como complemento às aulas. Na revista Educação e Saúde de 1946, ano XIV, n.27 e 28 de junho e julho⁸, Estado de Goiás, a professora Elza

⁸ Nesta revista há uma página (p.51) que traz as “Publicações Recebidas”. Dentre elas, agradecimentos à remessa da Revista de Ensino de Minas Gerais (revista modelar), dirigida pelo professor João Batista Santiago.

XI Seminário Temático

A Constituição dos Saberes Elementares Matemáticos: A Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970

Florianópolis – Santa Catarina, 06 à 08 de abril de 2014 – Universidade Federal de Santa Catarina

Nazaré Matos, do Grupo Escolar de Cristalina, informa que a partir da necessidade de atividades “extra-programa” no ensino, de forma a apoiar atividade “livre e pessoal” da criança ensinando de forma a atender as necessidades a vida e do meio social do aluno (movimento pro-escola ativa), surgiu então um complemento às aulas: o “*Auditorium*” . A professora explica que o auditorium era uma aula em que as crianças deveriam apresentar o que haviam aprendido em sala de aula.

Apesar de não termos elementos suficientes para afirmar que saberes matemáticos (aritmética, geometria ou desenho) eram apresentados no auditorium, a revista deixa claro que esta “aula” era uma forma dos alunos apresentar experiências e conhecimentos sobre as matérias estudadas. Deveria ser uma apresentação que fosse preparada, porém deveria ser espontânea e sempre variada para não ser algo repetitivo, conforme as explicações contidas nesta revista. Em cada semana um professor ficaria responsável pela organização do Auditorium, cujo objetivo maior era o de “dar iniciativa e espontaneidade aos alunos”.

Não podemos afirmar com certeza que conhecimentos matemáticos fossem apresentados na metodologia do *auditorium*, mas inferimos que esta metodologia possa ter sido utilizada para apresentação de conhecimentos adquiridos na área de desenho e aritmética no ensino primário. Atualmente sabe-se que em escolas da Bahia método de mesmo nome, com características bem parecidas, ainda é utilizada.

Considerações finais

Este estudo não se esgota nas análises que apresentamos. Com a análise de novas revistas presentes no repositório da UFSC, novas questões acabam surgindo. Por exemplo, ao analisar a Revista de Educação e Saúde de 1946 de Fevereiro a Março, emergem temas como o Decreto nº44 de 23 de junho de 1945 que transfere ao Estado a centralização da administração do ensino primário e o impacto que este trouxe ao ensino de um modo geral.

Há também evidências de circulação da revista paulista de educação nº 44 e 45 volume 32 de jul a dez de 1944, revista esta, citada na revista goiana. Quais os aspectos

Segundo a nota, a revista conta com o apoio do “brilhante professorado mineiro” e há uma tiragem de 10.000 exemplares mensais, “o que bem documenta o extraordinário desenvolvimento educacional do grande Estado montanhês”.

convergentes entre uma revista e outra quanto ao ensino dos saberes elementares da matemática?

Há ainda a Revista de Educação de 1960 que dentre seus temas trata do curso de desenho da professora Dinoraht do Valle Kuyumijian, catedrática de Desenho Primário e Desenho Infantil do Curso Primário de São Paulo que veio à Goiânia juntamente com outros professores para lecionar um *curso de suficiência* aos professores. Na ilustração da revista, aparece a professora próxima ao quadro repleto de conteúdos matemáticos, provavelmente que seriam ensinados no curso.

Nas revistas também são apresentadas as teses (artigos) sobre matemática dos Congressos de Educação como o Primeiro e Quinto Congresso aos quais tivemos acesso.

A nossa perspectiva é de continuar a pesquisar fontes presentes no repositório da UFSC, a fim de observar ressonâncias da escola ativa no ensino de aritmética e geometria em Goiás e em outros estados brasileiros. Buscamos, dessa forma, continuar a contribuir com a pesquisa sobre a constituição dos saberes elementares matemáticos no Brasil e, de um modo geral, com a História da educação matemática brasileira.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. **Revista São Paulo em Perspectiva**. Vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100013

CHARTIER, R. **A história cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHERVEL, A. **Histórias das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação. Porto Alegre. N.2, 1990.

MARQUES, Josiane A. O. **Manuais Pedagógicos e as Orientações para o Ensino de Matemática no Curso Primário em Tempos de Escola Nova**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos: 2013.

MONARCHA, Carlos. **Brasil Arcaico, Escola Nova: ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Cacilda L. **Significado e contribuições da afetividade no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica**. Dissertação de mestrado. Capítulo 2, CEFET-MG, Belo Horizonte - MG, 2006. Disponível em http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7BF2792D2A-C83F-4ABC-BEFD4ABE1940689F%7D_Pedagogia%20Metodologia%20de%20Projetos%20%20Cap%202%20%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20da%20Cacilda.pdf

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial - Goiânia, Ano XIV, n. 23-24, Fevereiro e Março. (87 páginas). 1946. Localização fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial – Goiânia, Ano XIV, n.27-28, Junho e Julho. (66 páginas). 1946. Localização fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial – Goiânia, Ano XIV, n.29-30, Agosto e Setembro. (115 páginas). 1946. Localização da fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial – Goiânia, Ano XVII, n.33-34, Janeiro a Fevereiro. (37 páginas). 1949. Localização fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial – Goiânia, Ano XVIII, n.43, Março a Maio. (51 páginas). 1960. Localização fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

Revista de Educação e Saúde. Imprensa Oficial – Goiânia, Ano XIV, n.27-28, Junho e Julho. (68 páginas). 1960. Localização fonte: Arquivo Histórico Estadual – AGEPEL – Goiânia-GO

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel, VALE Antônio Marques do. **Brasil, 1930 - 1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006 - ISSN: 1676-2584

SOUZA, R. F. **Alicerces da Pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VALENTE, W. R. **A matemática na formação do professor do ensino primário em São Paulo, 1875-1930**. (Livre Docência). São Paulo: Departamento de Educação da UNIFESP, 2010.